

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

## 1.ª Conferência da U. N.

Continuamos hoje a expor os resultados dos Trabalhos da 1.ª Conferência da U. N.

Na segunda sessão de Trabalhos assistiu o Sr. Ministro da Economia, visto os problemas a tratar dizerem respeito à pasta de S. Ex.a.

Usaram da palavra os Srs.:

Melo Machado, vogal da Comissão Executiva da U. N. que expôs com brilho as dificuldades da Lavoura e concluiu «queria ainda fazer um sentido apelo para que se melhora a distribuição dos géneros. Está bem que se persiga o «mercado negro» mas para que este não tenha uma razão forte de existir, torna-se necessário que as pequenas capitações se jam distribuídas a tempo e horas...»

A seguir, o Sr. Dr. Cerveira Pinto referiu-se à dificuldade do comércio internacional, transportes, falta de civismo daqueles que sonham a produção e falsiam manifestos etc. Fez o elogio da recente nota oficiosa do Sr. Ministro da Economia e terminou dizendo: «E' preciso esclarecer, esclarecer, esclarecer sempre o país».

§ § §

O Sr. Dr. Antunes Guimarães versou o tema «Energia eléctrica e transportes ferroviários» e concluiu o seu discurso traduzindo os clamores que tem ouvido do povo quanto à escassez e demora na entrega dos géneros.

O Sr. Engenheiro João Nunes Mexia, ocupou-se em primeiro lugar dos preços como factor de produção e concluiu condenando o excessivo movimento burocrático e as exigências dos serviços oficiais em relação aos produtores.

O Sr. Dr. Francisco Leite Duarte focou a situação nas nossas Colónias.

§ § §

Voltou depois a usar da palavra o Sr. D. Maria José de Novais, que se ocupou do problema grave que envolve a baixav

## Ocultar, não!

capitação do milho, tão indispensável alimento para as populações do Norte dizendo que é absolutamente necessário aumentá-la. Referiu-se depois à vida da mulher no campo citando casos que conhece, entre eles o facto de hoje as mulheres só passados muitos dias após o parto é que regressam ao trabalho, porque agora afirmam essas pobres mulheres não podem ir trabalhar senão muito tarde, porque estando mal alimentadas, não têm com que amamentar os filhos. Observou a propósito que muitas mulheres abandonam os campos pa-

ra virem engrossar lamentáveis fileiras da prostituição das grandes cidades. E exclamou: «É necessário cuidar da gente do campo».

Terminou condenando os excessos de fiscalização e a verdadeira caça à multa a propósito de tudo e de nada, de que são vítimas os pobres e o exagero das exigências de declarações e manifestador que a maioria da população, devido ao analfabetismo, não pode satisfazer.

(Continua na 4.ª página)

## Vem aí o anjo da caridade e o amigo da rapaziada

8 de Dezembro. Dia da Imaculada.

Ouve-se uma voz que diz:

«A Melgaço, desta vez, vem o Sr. P. e Américo fazer a conferência para o Congresso».

—Quem é esse padre? perguntam alguns curiosos.

—E' um Padre, lá dos lados de Coimbra, e que agora está perto do Porto, ali em Paços de Sousa.

—E que faz Ele?

—A sua missão é reconhecer e educar os rapa-

### Imprensa

### regional

Temos recebido com regularidade os semanários:

«Terra minhota» de Valença, «Notícias dos Arcos», «Ordem Nova» de Vila Real e «Renovação» de Vila do Conde.

zinhos que andam abandonados pelas ruas das grandes cidades, sem ter que comer nem onde dormir.

—Pobres crianças abandonadas, bem mais infelizes que muitos animais-zinhos e que bom há de ser o Padre que se lembra delas!

—Vamos ouvir o Padre Américo?

—Pois vamos.

\* \* \*

Era assim, que um grupo de pessoas discutia a vinda do P. e Américo a esta Vila, para fazer a segunda conferência preparatória do Congresso.

E o Convento encheu-se

Assinar «A Voz de Melgaço»

é contribuir para o bem

estar da sua terra

## DESPORTOS

### FUTEBOL



No dia 1 de Dezembro, pela primeira vez, encontraram-se no campo do «Monte de Prad», os populares grupos UNIDOS FUTEBOL CLUB de Melgaço, e o UNIÃO CLUB CERVEL RENISE, da Vila Nova de Cerveira.

Depois de um jogo difícil, aonde a vitória sorriu ao grupo Melgaçense por 5 bolas a 4, sendo o tento da vitória alcançado nos últimos minutos.

Os visitantes fizeram os primeiros a marcar e assim aos 20 minutos de jogo, já venciam por 2 bolas a zero, tentos estes do avançado centro REGOS, que foi o melhor atacante do grupo visitante.

Contudo, o UNIDOS, reagiu, e empatou por intermédio de Oliveira e Alberto, e com este resultado terminou a primeira parte.

No começo da 2.ª parte, o UNIDOS passa a vencedor, obtendo mais duas

bolas por intermédio de Araújo e Oliveira. A equipa de Cerveira, não desanimou, e de novo, fez 4-4, sendo vencedor o seu avançado centro Regos. Quando o resultado parecia feio, Oliveira mais uma vez, marca o tento que deu a vitória ao grupo local.

Há a destacar neste jogo, no grupo visitante o avançado centro Regos, que foi o autor dos tentos do seu grupo, e o grupo local, Oliveira, o marcador de 3 tentos. O Unidos não podendo contar com o seu guarda-redes habitual, o seu substituto não deu o rendimento necessário.

Os grupos alinharam:

UNIDOS — Guilherme, Dantas e Ribeiro; M. Ilheiro, Esteves e Joaquim Alberto, Oliveiros, Araújo, Bermudes e Oliveira.

UNIÃO — Orlando, Mesquita e Quim; Vieira, Martins e Faria; Costa Artur, Regos, Armando e Pereira.

À noite, em honra dos visitantes foi realizado um baile, na sede dos Unidos, retirando pela madrugada levandoo de Melgaço, as melhores impressões, e agradeceram a maneira gentil como foram recebidos e tratados.

Manuel L. P. Júnior

## De Viagem

Dr. Armando Cid

Em goso de férias, encontra-se em Monforte, Alentejo, o nosso particular amigo e prezado assinante, Dr. Armando Cid, conservador do Registo Civil, desta Comarca.

Que passe umas boas férias junto dos seus, são os nossos votos.

Tenente Zilhão

Foi transferido para a Vila de Monção o Sr. Tenente Zilhão que exercia as funções de Comandante de Secção da Guarda Fiscal em Melgaço e que gosava de gerais smpatias.

Tenente António Vicente

A fim de substituir o Tenente Zilhão, chegou a esta Vila o Tenente António Vicente, aquem desejamos muitas felicidades e oferecemos a nossa franca e leal colaboração.

## Pela Administração

### Novos assinantes:

Deu-nos o prazer de sua assinatura o Sr. José Valeixo e a menina Maria de Jesus Pereira. Muito obrigado.

### Pagaram a assinatura

Pagaram assinatura de «A Voz de Melgaço», os Srs. Alfredo Alves, Dr. Elisio Pimenta, 20\$00; Joaquim António Marques, 20\$00; José Lobo Maia, 20\$00.

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### Prado, 18

Já começaram as sementeiras do milho, andando os lavradores muito satisfeitos por o tempo estar bom.

— Foi nomeado Delegado de Saúde deste concelho, o sr. dr. Sérgio Saavedra, afamado clínico do primeiro concelho norte de Portugal. A S. Ex. cia enviamos os nossos parabéns, desejando-lhe muitas felicidades. — C.

### S. Paio, 18

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta freguesia, o sr. António Fernandes, guarda fiscal em Mourão.

O Grémio da Lavoura de Melgaço instituiu prémios para serem atribuídos aos melhores examinados da 4ª classe do ensino primário que melhor se evidenciarem em conhecimentos agrícolas regionais. Desta vez, coube o primeiro prémio no valor de 15 \$10, ao aluno Armando Sérgio Quintela, do lugar dos Lourenços, desta freguesia. O Grémio da Lavoura de Melgaço, sob a presidência do muito digno Delegado Escolar deste concelho, sr. Abílio Domingos, procurou sempre bem servir os seus associados, não se esquecendo, desta vez, de conceber tão boa iniciativa que muito beneficiará os alunos premiados. Oxalá que prosiga tão louvável iniciativa que profundamente louvamos.

Faleceram durante a passada quinzena, os srs. Manuel Rodrigues, de Casoleiro Alto; José Fernandes, do Legado e Francisco Meixeiro, do lugar de Sante.

A's famílias enlutadas enviamos as nossas condolências.

### Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaias agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxofre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazéns, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

## Bon Marché

(Casa fundada em 1914)

PRADO  
MELGAÇO

Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

### Couso

No dia 28 de Novembro, sobre estudo de antiguidades esteve aqui o nosso querido amigo Sr. Bernardo Pintor, cuja visita deu muito prazer e agradecemos. Oxalá que a sua presença sempre desejada por nós e pelos seus amigos se repita frequentemente.

Na escola oficial desta freguesia, foi nos últimos dias de Novembro, colocada como agredo, a regente senhora D. Afra Augusta Gomes Pinheiro, cuja nomeação foi muito bem recebida pelo povo que muito a estima e venera. Devido às suas qualidades morais e intelectuais que nos anos anteriores manifestou e continua no 3.º ano da sua nomeação a manifestar, motivo porque também lhe endereçamos as nossas felicitações.

No dia 8 de Dezembro, como remate da Novena da Imaculada Conceição que foi muito concorrida de fideis, celebrou-se na igreja parochial com bastante solenidade o dia de Maria Imaculada que constou de missa cantada pelo grupo coral desta freguesia, de sermão e de comunhão bastante numerosa, e incluindo à tarde com uma hora de adoração, terço, consagração e Bênção do Santíssimo. — C.

### "A Voz de Melgaço,"

Temos recebido muitos aplausos pela ideia de haveremos publicado este quinzenário.

A nossa volta reunem-se os melgacenses todos, desde o rico ao pobre.

Publicamos, hoje, uma carta-carta de melgacense—pedindo-nos que o inscrevamos como assinante.

Publicamo-la, porque é a prova da simpatia que há em volta deste jornal.

Lisboa, 6/12/46

Ex.ma Direcção do jornal «A Voz de Melgaço».

Eu, António Manuel Domingues, natural da Sabroeira, Freguesia de Cristoval, encontro-me em Lisboa, na Alameda das Linhas de Torres, 101, Lumiar, e, sabendo que V.ªs Ex.ªs tinham formado um jornal ao qual tinham posto o nome «A Voz de

Melgaço», pedia-lhe a fineza de me inscrever assinante do vosso jornal.

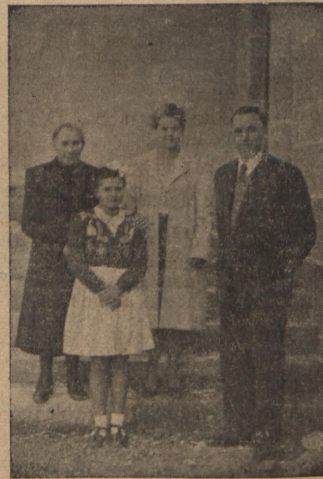
Peço a V.ªs Ex.ªs o favor de me informarem como são feitos os pagamentos e se é preciso pagar já ou ao fim do ano, pois estou à vossa disposição. O que muito lhe agradeço é se me dão licença de lhes dar os meus parabéns pela vossa digna ideia e que, cada vez, aumente mais os seus assinantes.

Os meus cumprimentos.

António Manuel Domingues

N. R. E' bem uma carta de um melgacense: claro, educada, amiga, é uma carta de família.

Ao nosso conterrâneo, muito obrigado. Aceitamos os parabéns e oferecemo-los à gente da nossa terra.



Encontra-se conatente de uma pleurisia, felizmente sem consequências, o nosso Chefe da Redacção, Sr. Dr. Júlio Est.ves, que nesta fotografia vemos rodeado pela mãe, esposa e filha.

Fazemos votos pelas rápidas melhoras, tanto mais que a sua inteligência e as fortes virtudes cívicas e morais, de que tem dado sobejas provas o impõem como valor autêntico da nossa terra.

Ainda ultimamente, na defesa do Hospital e representação a União Nacional do concelho em Lisboa, soube marcar uma posição de respeito, aquela, a que lhe dá direito o seu espírito dinâmico e empreendedor.

## A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus; Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos e Espumosos.

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas— A máxima seriedade nas suas transacções.

### De Viagem

A passar as férias do Natal com seus entes em Rouças, estiveram aqui os srs. Pés António Luiz Vaz e Júlio Vaz, chefe de redacção e redactor do «Diário do Minho», em Braga.

Ferreira da Silva

Também que está a passar a quadra festiva do Natal o importante capitão Sr. Ferreira da Silva, do Porto, que veio acompanhado de sua esposa e filhos, grande e pequena.

### Afogada numa poça

ROUÇAS, 26 — Com a assistência de 6 sacerdotes, efectuaram-se os funerais da querida boa mulher de David que apareceu afogada numa poça desta freguesia.

Dirigiu-se a Melgaço a fim de fazer as compras do Natal e ao regressar a casa, foi surpreendida pela morte numa poça junto de Casas, onde caiu.

Era muito estimada pela sua bondade e afectiva em todos os melhores momentos. — C.

# Consagração e homenagem O NATAL

## à Senhora de Fátima

### em Caldas da Rainha

Meus Amigos:

Ao desejar lhes boa saúde assim como a todos os seus, remeto a minha quota do jornal assim como uma passagem cá das Caldas para se publicar em «A Voz de Melgaço».

Em 26 de Novembro p. p., se desenrolou um tão belo e mavioso espectáculo quanto divino e digno de louvor, aos olhos da multidão Caldense, mergulhada em ansiosa devoção. Assim, a divina Imagem, tão pura e bela, foi acolhida com tanto amor, por todos os corações crentes e devotos que expressavam a sua fé de diversas maneiras!

As janelas adornadas de belas e preciosas colchas, e, sobre elas, em muitas partes da cidade, onde a Imagem devia passar, viam-se belos desenhos de flores naturais iluminados a várias cores com muitas dedicatórias à Virgem.

Por sobre as ruas pisava-se um tapete odoroso de rosmaninho e alecrim. E, assim, de vários modos se davam à Virgem, as Boas Vindas, a esta cidade. E assim se ia desenrolando tão memorável manifestação de fé.

Muitos estandartes vinham antes da Virgem, seguindo-lhes Esta na sua tão pura e Divina magestade, transportado o seu andor, por vários superiores militares, seguida por milhares de devotos, tão cheios de misterioso ardor n'aquele acompanhamento.

Deu entrada no Largo Rainha D. Leonor, onde antecipadamente estavam milhares de outros devotos, esperando a Imagem. Depois, o sacerdote fez uma breve pregação de louvor à Virgem. Seguidamente, fez ardentes invocações à Virgem, que os fieis repetiam com todo o ardor de suas almas e corações cheios de fé.

Após algum tempo de veneração, a Imagem foi transportada para a Igreja e, acompanhada por muitos fieis, ali permaneceu a noite, ouvindo as ardentes e esperanças suplicas dos mesmos.

No outro dia rezou-se missa campal, com a mesma devota assistência do dia anterior.

Permaneceu depois até às 15 horas para que todos pudessem venerá-la. Então, chegou a hora da despedida. Os estandartes começaram a desfilar pela rua principal da cidade. Quando a Imagem por ela passava, das janelas eram lançadas pétalas de rosas, espalhando delicioso perfume.

Cena comovente!

Os lenços brancos de quem não podia acompanhar a procissão, e que ontem tão jubilosamente saudavam a chegada da Virgem, agora, davam adeus de filho que vê par-

tir a Mãe querida para longe.

Era enorme o acompanhamento, muito grande a fé que, assim era demonstrada por todas as almas que iam cantando com verdadeira devoção.

E, assim fez a sua saudosa retirada a virgem pura, rumo a outra terra, onde outros corações, outras almas, tão ardentes como as dos habitantes das Caldas, A esperam com a mesma ansia e a mesma ardente e devota fé.

Gilberto Cardoso

# FALAM OS NOVOS

## Beneméritos do nosso Hospital

### António Esteves Meleiro (Cabano)

No último número de «A Voz de Melgaço» anunciava-se já o grande acontecimento do nosso meio hospitalar.

O nosso Hospital vai ser dotado com um aparelho de Raio X!

Promessa generosa dum nosso ilustre conterrâneo, devotado amigo dos pobres e grande amigo da sua terra, que dentro em breve será uma realidade.

A Voz de Melgaço, sempre disposta a salientar as grandes iniciativas do nosso concelho não se contentou, por isso, com a pequena local do último número e resolveu entrevistar o Sr. António Esteves Meleiro (Cabano), para o que se deslocou a Golães.

Recebidos com a gentileza característica de todos quantos constituem a família Cabana, dispusemo-nos a ouvir as notas que a seguir damos e que nos foram fornecidas pelo nosso ilustre entrevistado.

—Não vimos perguntar-lhe se é verdade o que os jornais da terra já noticiaram. Sabemos que na Cabana há só uma palavra. Desejamos apenas dados aproximados da da-

ta em que Melgaço poderá ter a ventura de ver satisfeita uma das suas mais queridas aspirações.

—Tenciono embarcar para o Rio em fins de Fevereiro, ou princípios de Março. Logo que lá chegue abrirei, entre a colónia Melgacense, uma subscrição cujo produto calculo seja suficiente para a aquisição da aparelhagem de Raios X.

Meu Sócio, que deve regressar a seguir, será o portador do dinheiro.

—Sabemos que em fins de Maio, e como um dos números do Congresso Eucarístico de Melgaço, se pensa organizar um cortejo de oferendas a favor do nosso Hospital e Asilo. Seria possível que nesse cortejo se incorporasse já o aparelho de Raios X?

—Julgo que sim, pode mesmo dizer que sim, porque caso o meu sócio demore a sua viagem enviarei o dinheiro em cheque.

—Não sabemos como agradecer a sinceridade e a clareza destas palavras, saídas de um coração onde palpita a sua e nossa terra.

E, profundamente co-

Da infância me ficou a ideia do Presépio e na lembrança a doçura de prendas, ansiosamente aguardadas.

Quadra que não volte, sorrisos e enleios hoje transformados em decência crescente, com a visão iniludível do desenlace terminal!

Não me acobardo porém.

Sei que o corpo é lódo, que a sua fonte de vida o abandona em hora incerta e que mesmo nada se perde.

Isto basta para me aguentar na expectativa e não malbaratar o precioso

tempo, ou seja caminhar para a duração eterna, modalidade do Infinito.

Estamos, pois, em presença do Natal, neste mês, que foi décimo dos romanos de outrora e é duodécimo do nosso calendário.

Ele repercutiu ao longo de vinte séculos o vagido daquele menino nas palhinhas de humilde manjedoura.

Pobres eram seus! Pais: Maria, só de virtude afortunada e José, seu esposo, operário carpinteiro.

Todos judeus, em terras da Palestina, então sob a aza avassaladora da águia de potentes garras que fabricara o ninho dentro da altiva cidadearainha, companheira do Tibre, em que se haviam transformado «alguns túrgios», na linguagem eloquente de Lacordaire, ali levantados por um «punhado de bandidos».

Tombara Júlio César, ferido de morte em pleno senado da República romana e seguira-lhe um perfido agitado em que se registou o famoso triunvirato de que fizeram parte António e Augusto.

Contou Roma defensores do regime que abolira o Governo monárquico primitivo, mas caíram vencidos em campo de batalha.

Não tardou a manifestar-se desinteligência entre Augusto e António, que descambou em luta violenta, decidida por fim nas águas de Accio, com o completo esmagamento do segundo.

O primeiro, Augusto, político hábil, ascendeu assim ao mandato imperial, consumando a obra do seu desejo e da sua ambição.

Um dos actos determinantes que marcaram a sua passagem pelo poder foi o censo da população em seus domínios.

Nestas circunstâncias, obedecendo como lhes cumpria, ao édito oficial, tiveram os esposos, José e Maria, de se deslocar de sua residência para Belém, onde, segundo a Lei deviam apresentar-se em execução do mesmo édito.

Não encontrando pouso em Belém foi mister resignarem-se a apelar

«A Voz de Melgaço»

(Continua na 4.ª pág.)

# 1.ª Conferência da U. N.

(Continuação da 1.ª Página)

A seguir falou o Sr. Dr. Bento Coelho da Rocha que tratou do problema corporativo salientando os benefícios que elle trouxe ao país, mas declarando também que alguns dos seus inconvenientes burocráticos não são compreendidos pelo povo.

O Sr. Dr. António Pires de Lima entre muitas coisas combateu largamente o «mercado negro» e acabou por pedir que o pão e outros géneros não faltem em qualquer ponto do País e que as distribuições se façam com equidade e com pontualidade exigindo-se aos servidores do Estado e à população uma perfeita disciplina e que os órgãos próprios se encarreguem da propaganda destes princípios—da educação e doutrinação do povo.

§ § §

O Sr. Dr. Montalvão Machado focou também o problema da lavoura, pedindo a criação duma policia rural, melhor eficiencia dos grémios da lavoura e reclamou boas sementes.

O Sr. Eng. Ferreira do Amaral pôs o problema da posição do Estado perante os problemas relativos ao fomento industrial, pedindo a criação dum Ministério de Fomento Nacional.

Depois do Sr. Dr. Araújo Barros ter falado do «mercado negro» o Sr. Virgílio da Fonseca tratou desenvolvidamente da situação dos premios de constituição facultativa na organisação corporativa do Estado.

§ § §

Por último discursou o Sr. Ministro da Economia.

Começou por dizer que receando não ser capaz, por falta de tempo, de responder ponto por ponto, caso por caso, aos comentários feitos ali, declarava estar ás ordens de todos para quando quizerem em reunião Privada da U. N., eu na primeira conferencia que se faça.

E depois de felicitar os

oradores pela sinceridade das suas palavras, afirmou ser desejo fundamental do governo acabar com o racionamento ou aumentar as capitações, mas que não podemos esquecer que vivemos com os outros e que se em materia politica somos capazes de nos bastar a nós próprios em materia economica não acontece o mesmo. «É preciso não esquecer que neste momento certos países poderosos, como a Inglaterra, vivem as maiores dificuldades da alimentação.» «É preciso saber-se que em países poderosos como a America do Norte, por falta de recursos próprios e porque são chamados a acudir ás necessidades dos outros países do Mundo não se distribui pão três vezes na semana».

§ § §

«Temos portanto que atender a todas estas circunstâncias e situar os nossos problemas no quadro internacional.

Tratou depois do problema dos preços sobretudo do azeite e do milho e sobre o problema do abastecimento disse que poderíamos confiar em certa melhoria se se verificarem alguns factos que estavam a ser tratados.

Declarou não defender a situação actual da politica de distribuição e disse: «São grandes os erros praticados, mas, podem V. Ex. cias acreditar que também tem sido grande o esforço do governo no sentido de evitar esses erros».

Afirmou ainda que os Grémios nem só em Portugal existem; pois também existem lá fora embora com outros nomes; e terminou esclarecendo cabalmente a actuação do governo no que respeita ao problema das lenhas e ao da industria.

§ § §

Estavam terminadas as sessões de estudo da I Conferência da U. N.

Ocultar, não!

Não ocultou a U. N. ao governo os clamores do nosso povo nas suas justas pretensões. Com lealdade, com fé, em critica livre e construtiva foram claramente tratados todos os numerosos problemas desta irregular situação que atravessamos.

Não ocultamos nós aos nossos o que se passou nessa conferencia, embora o fizemos sem o brilho com que qualquer outro poderia ter tratado este larguissimo assunto.

Não comentamos; procuramos, lealmente, esclarecer aqueles que nos leem.

Resta só fazer a apreciação do memoravel discurso que no encerramento dos trabalhos proferiu o Sr. Ministro das Colónias.

## A nossa terra

XIII

### PADERNE

SEUS LIMITES HÁ 800 ANOS

A freguesia de Paderne é muito antiga, já existia antes do nosso primeiro Rei. Nesse tempo, porém, não tinha a mesma configuração de nossos dias, occupava uma área muito maior.

Naquelle tempo não existiam as freguesias de Couso e Cubalhão, e o terreno que as constitue pertencia a Paderne.

Segundo se afirma, foi no principio do segundo quartel do século XII que se fundou o mosteiro de S. Salvador de Paderne, nas proximidades de outro muito mais antigo, que era o mosteiro de S. Paio de Paderne.

Não é verosímil que o nome de Paderne venha de D. Paterna que se diz ter sido a fundadora do dito mosteiro de S. Salvador.

Sobre o assunto tenho outra crónica que espera oportunidade de sair a público.

Sabemos de positivo que em 1140 quando D. Afonso Henriques foi pessoalmente reconquistar o Castelo de Lavbore que os Leoneses tinham occupado na sua passagem para o reccontro da Portela do Vez, no anno anterior, era Abadessa do mosteiro de S. Salvador de Paderne uma tal D. Elvira Sarazeni filha da fundadora segundo dizem os cronistas.

Esta Abadessa deu um grande exemplo de patriotismo socorrendo o Rei, e este, em compensação, doou-lhe no anno seguinte o território adstrichado à Igreja de S. Salvador, com o privilegio de cuto, isto é, isento de todas as interferências dos agentes do poder real, com pequena excepção de um lugar.

Os limites que o fundador da nossa nacionalidade marcou ao couto de Paderne eram, em parte, diferentes dos actuaes das três freguesias, Paderne, Couso e Cubalhão.

para o abrigo que se lhes deparou: a gruta.

Ocorrido o nascimento de Jesus, o tenro filhinho foi posto na mangedoura e aconchegado pelo bafo carinhoso da Mãe dedicada no improvisado berço.

Referem tradições, e consta dos Evangelhos, que ecoou então um braço retumbantemente expressivo:

«Glória in excelsis Deo et in terra por hominibus».

§ § §

Ergue-se, de facto, o

berço de Jesus no intervallo de inconfundiveis planos da História, mas falta-lhes o traço de amor ligando a grei humana por verdadeiro espirito fraternal e por integral identificação com o verbo, que mais tarde, revelaria a lição sublime da Montanha e o assombroso saber quando, na agonia do Martirio Cruel do Calvário, implorou do madeiro infamante o perdão dos assassinos!

Salvé! Jesus!

Monção — Natal de 1946

Alfredo José Rodrigues (Ribeiro)

### Pedido de Casamento

No passado dia 29, pelo Sr. Dr. Eduardo Costa e Ex.ª Esposa foi pedida em casamento para o distinto médico em Lisboa Sr. Dr. Manuel Rodrigues, filho do Sr. Joaquim Soto Loureiro e D. Joaquina Rodrigues, já falecidos, a menina Maria Esther Figueroa d' Oliveira, filha do Sr. José Figueroa e D. Maria d' Oliveira de Figueroa, proprietários do Grande Hotel do Pezo, de Melgaço.

O enlace realizar-se-há brevemente.

### Calendário popular

A ti chova todo o ano, A mim Abril e Maio

Em Junho fouchinha em punho

Água do São João tira vinho e não dá pão.

BERNARDO PINTOR

Director e Administrador: P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parochial de Melgaço Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor: Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00 ANO I

MELGAÇO, 1 de Janeiro de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA N.º 15

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

## De Lisboa a S. Gregório

**Conheça a sua terra  
A vida no nosso século**



S. Gregório

Monte do

Facho



Viajar é sempre um prazer. Conhecer novas terras e outras gentes, contemplar a história viva nas ameias dos castelos ou nos padrões das vitórias, estudar a geografia, à luz pujante da natureza, tudo isto nos oferece o viajar.

Por força das circunstâncias, umas vezes, da vida, e, outras, da amizade, o ritmo habitual da nossa existência sofre alteração. Assim me aconteceu, de 18 a 31 de Dezembro.

Ocupação e amizade chamaram-me a Lisboa, a capital do Império, a cidade das sete colinas, banhada em sol e cheia de mármore. A «baixa», o velho e histórico casario, sempre imponente na magestade do Terreiro do Paço e dominadora nas ameias do Castelo de S. Jorge ou no românico da Sé Patriarcal. A «alta», com as Avenidas Novas e algumas tentativas de arranha-céus americanos.

E depois, os museus e os monumentos. Lisboa é

hoje uma grande cidade europeia que o ministro Duarte Pacheco mais olvidou. O circuito turístico é maravilhoso: Mafra, Ericeira, Cintra, Cascais e Estoril.

Mas se viajar é um prazer, para os que não podem tê-lo é necessário dar-lhes a conhecer a nossa terra, tão linda, tão repleta de surpreendentes novidades...

(Continua na 3.ª página)

### Aos Senhores Correspondentes

Pedimos, encarecidamente, que nos enviem as correspondências quinzenalmente, ainda que sejam mais pequenas, que deem a notícia sem grandes relatos, que sejam a vida vívida, da gente da nossa terra.

E, já agora, pedimos que no-las enviem com certa antecedência a fim de não as demorarmos na redacção.

E isto tudo é para o bem da nossa terra.

### Novos assinantes

Deram-nos o prazer da sua assinatura os Senhores: P.e Augusto César Lima Monteiro, Augusto Pinto, Eusébio Pinto.

Os nossos agradecimentos.

O primeiro enviou-nos o nosso querido colaborador, P.e Manuel António Bernardo, e os outros dois foram-nos enviados pelo nosso querido assinante Aurélio Rodrigues Barbosa.

Muito gratos pela amizade,

### De Viagem

D. Luisa Outeiro Esteves

Esteve no Porto a Senhora D. Luisa Outeiro Esteves, esposa do Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves, nosso Chefe da Redacção.

Manuel Jo. é Alves

Seguiu para Lisboa este nosso conterrâneo e aluno da Faculdade de Direito.

Ao Manuel José Alves desejamos muitas felicidades.

## ESTA HORA É DE TODOS

Afixados em muitos cantos das ruas e das casas estão cartazes que anunciam o recenseamento eleitoral para o mês de Janeiro.

### Tems de nos recensar

Como católicos temos de cumprir o dever da nossa consciência: em pregar TODOS os meios necessários a fim de que a Pátria não sotra.

Impõe-nos este dever, além da consciência, o sentido patriótico do nosso civismo. Não nos re-

censeamos é DESPREZAR as leis da Nação, é DESCURAR o futuro da Pátria, é SER INDIFERENTE à honra de bem servir, é COOPERAR na obra da destruição e da mentira.

Todo o católico e todo o português devem recensear-se DURANTE O MÊS DE JANEIRO.

Abandonar o recenseamento e depois as urnas é tornar-se cúmplice de futuros governantes porven-

(Contiua na 4.ª página)

## Casos a ponderar

DE longa data, e recordo-me de tal acontecer, desde a minha meninice, a gente de Castro Laboreiro costuma fazer a troca da batata por milho. As circunstâncias locais assim o exigiam. A produção de Castro é essencialmente para prepararem este pão de batata e centeio. E para outras coisas, recorriam ao processo primitivo das trocas, onde o dinheiro não entrava. Assim se fez sempre. E porque se não há de continuar a fazer, se é uma necessidade daquela gente?

Ora, como não colhem milho e necessitam deste

Res

### lavradores

#### Convite

Realizando-se no próximo domingo dia 19 do corrente, uma reunião dos lavradores deste concelho, para tomar conhecimento do último decreto publicado pela Pasta da Economia sobre videiras americanas (produtores directos), a comissão tem a honra de convidar todos os interessados, bem como a Imprensa regionalista e os representantes dos diários do país, a assistir.

A reunião realiza-se no Salão Pelicano.

A Comissão

*Dizem que não há milho?*

Não sei se haverá alguém que tal afirme, pois o ano foi bom, embora não seja extraordinário, e o milho chega. E' tal a abundância do milho que o ilustre deputado pelo Círculo de Viana do Castelo, Dr. João da Rocha Páris, pediu na Assembleia Nacional que a venda fosse livre.

*Dizem que vai para a Espanha?*

Temos informação de que na Secção da Guarda Fiscal desta vila foram condenadas um a s mulherzinhas do lugar da Seara, de Castro Laboreiro, que traziam milho da Espanha. Vem da Galisa, portanto.

E ainda que fosse para a Galisa, não era caso para evitar as trocas da ba-

(Contiua na 4.ª página)

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### S. Paio, 7

Depois duma longa enfermidade, faleceu na sua casa de residência, no lugar da Passa, desta freguesia, o sr. Faustino José Flores, muito estimado pelas suas qualidades cénicas. O eximio, que contava 38 anos, deixou viúva e tres filhos menores. Os nossos pésames.

No dia 23 p.p., realizou-se na nossa igreja matriz o enlace matrimonial do sr. António Gonçalves, da Carreira, com a menina conceição Pires, da Gata. Depois das cerimónias religiosas foi oferecido ao convívio um luto almoco. Ao novo casal deseja mos lhes muitas felicidades.

O rendimento das ofertas feitas ao Menino Jesus, ontem leiloadas, foi de cerca de 150\$00.

As meninas desta freguesia são as que se tem mais evidência na fervorosa devoção que consagram ao Deus-Meio, nesti quadra do ano.

O cemitério desta paróquia precisa de grandes melhoramentos.

Cosmos há em que os mortos ficam mergulhados em água, prejudicando muitissimo a decomposição dos corpos. Era bom que a Junta da Freguesia e a Commissão do Culto se interessassem por estas coisas para não termos de fazer queixas de entulhas sanitárias.

Oxalá que sejamos atendidos.

Desde tempos antiquissimos que nesta freguesia se tem festejado a noite do Dia de Reis recordando a adoração feita pelos Magos ao Menino. Este ano, também, foi comemorado com o maior brilhantismo; não faltaram os celebres e saudosos cantares tradicionais, que tanta alegria dão aos nossos velhotes.

### Prado, 7

No passado dia 29, embarcaram em Lisboa, a bordo seguem viagem para o Rio de Janeiro, onde se encontra estabelecido seu pai, os sr. José Domingues Laura Domingues e Beneditina Domingues, irmãos da D. Palmira Domingues, muito digna e prestativa desta freguesia. Deus queira que tenham uma boa viagem e muitas felicidades.

Recomeçaram as aulas, sendo a frequência do primeiro dia muito pequena. - C.

## Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefon: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaias agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxofre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazens, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

### Rouças, 25

Vindo de Manaus - Brasil - chegou a Melgaço no dia 14 do corrente o Senhor Antonio Rodrigues, natural do lugar dos Perzes desta freguesia. Congratulamo nos com a visita deste bom amigo, desejando que por cá passe muito tempo, desfrutando boa saúde no seio de sua família e amigos. Por este meio lhe enviamos um cordial abraço e os protestos mais vinculados de de boas vindas.

- || -

Também tem chegado de Lisboa vários homens para consouarem com suas famílias.

- | -

Por motivo mais triste veio do Alentejo António Fernandes visitar sua mãe, Maria Rosa Esteves da Costa, que se encontra gravemente doente.

- || -

A igreja paróquia de Rouças tem sofrido vários melhoramentos, merecendo especial referencia a construção de um lindo altar novo.

- | -

Com 4 anos de idade faleceu, de morte repentina, José de Sousa, do lugar de Aldeia, no dia 12 do corrente; e com 73 anos morreu, afogado, Joselina Maria Esteves, do lugar de Lobão. Estes dois acontecimentos entristeceram toda a freguesia pela reputação que tem os pais do primeiro e pela mesma de que gozava a segunda que era por todos bem queirida, pois era pessoa de bem e religiosa sincera. A pranteada fin da regressiva, sózinha da Missa, onde comungava, rezando o seu tercinho, quando, passando pela borda de uma poça, escorregando no gelo, e caiu dentro, sendo, horas depois, encontrada jogada. Os seus restos mortais foram trasladados para casa de uma sua sobrinha, e dali para o Cemitério no dia 23 do corrente, levando na mão o mesmo terço que ia rezando antes de se afogar, pois nem depois de morta consentiu que lho tirassem. As famílias dos dois finados enlutadas por tão lamentáveis acontecimentos, apresentam as nossas sentidas condolências. - C.

## E fiquei Em Rouças triste

custa, pagaram do seu bolso, das suas magras economias, as despesas da viagem e do curso.

Que bela rapaziada!

Para servir a Deus e a Pátria fazem todos os sacrificios! Bons pais, os que deram aos filhos autorização para irem ao Curso. De lá vieram filhos mais dedicados, mais prestáveis à casa e à terra, mais amigos do lar.

Também lá vi rapazes com saudades: da mãezinha, do pai, das irmãs tão carinhosas e das noivas... Era o Natal.

E, coitados, deixaram tudo. Foram valentes. Vi lá rapazes de Bragança, de Chaves, de Montalegre, de Vila Real, de Lamego, do Porto, de Coimbra, de Vizeu, de Aveiro, da Guarda, de Portalegre, de Santarém, de Torres Vedras, das Caldas da Rainha, de Alenquer, de Faro.

600 rapazes de todo o Portugal. A lavoura generosa e heroica da nossa Pátria.

Do Minho, do nosso Minho florido e animado, estavam perto de 100 rapazes da J. A. C. de Viana, Esposende, Vila do Conde, Famalicão, Guimarães, Fafe, Celorico de Basto, Braga, Vila Verde, Barcelos, Ponte do Lima, Amares e Valença.

Até ver estes rapazes que eu conhecia um a um tão bons e tam dedicados abracei-os. Neste abraço ia a minha alegria em vê-los, da minha gloriosa Arquidiocese tão bem representada, no Curso Geral, ali, em Lisboa, a afirmar a heroicidade da gente do nosso campo, o seu esforço, o seu trabalho, a sua fé, a nossa querida J. A. C. Vi os a todos e fiquei contente. Havia-os de todos os cantos, dos piores cantos da nação. Tão bons rapazes!

Olhei bem, firmei os meus olhos para me não enganar. Fitei, mas não vi. Não vi nem um rapaz do meu Concelho, de Melgaço. Não temos cá uma secção da J. A. C. Não vi um sequer. Estavam de Portugal in-

### Certejo de oferenda

No dia de Reis efectuou-se na vizinha freguesia de Rouças uma lindíssima festa a favor da Igreja Paroquial.

Organizou-se um cortejo de oferendas, vistoso e valioso.

Deve ter rendido uns 12 contos.

Nunca o povo de Rouças se deixou vencer na dedicação e no amor à Sua Igreja. Povo bom, crente, sinceramente piedoso, a gente da freguesia de Rouças compreende o valor da Sua Igreja tão linda e tão asseada.

Saudamos a freguesia de Rouças e o seu bom povo.

## Escolas Primárias

Recomeçaram as aulas nas escolas primárias do Concelho pelo que chegaram à nossa terra os Srs. professores.

Sejam bem vindos.

## Desastre com arma de caça

Foi vítima de um desastre com a arma caçadeira que levava, disparando-se casualmente, o nosso prezado assinante José Albarino Fernandes, do lugar do Bago, Castro Laboreiro.

O tiro alcançou lhe um pé, perfurando-o.

Felizmente que o nosso bom amigo se encontra quase bom.

teiro e Melgaço é Portugal. Mas, repito, não os vi.

E fiquei triste. Lisboa, 31 de Dezembro de 1946.

JÚLIO VAZ

## Congresso Eucarístico

### Missão em Alvaredo

Continuam nas freguesias do nosso Concelho as missões de pregação com que as almas se dispõem para realizar o Congresso Eucarístico.

A primeira efectuou-se em Vistôval, pregada pelo Frei Leão do Sacramento. A segunda foi a de Alvaredo pregada pelos Rev. dos Carlos Vaz, Arcebispo, e pelo P. Meira, da Congregação do Espírito Santo, missão que foi concorridíssima. Ao bom povo de Alvaredo os nossos parabens.

## Pelo Hospital Denotivos

Na secretaria da Santa Casa foram entregues os seguintes donativos:

Do Sr. Artur Santos Júnior, digno sócio gerente da firma Lima Júnior & C. a Lda do Porto, uma peça de pano de lençóis e 15 metros de linol.

Da Sr. a Duartina Abreu 50\$00.

Do Sr. Luiz Augusto Rodrigues, do Porto, 60\$00 entregues pelo Sr. Dr. Augusto Esteves e mais 20\$00 entregues pelo Rev. do Sr. P. e Justino Domingues.

Do Sr. José Valeixo, do Porto, 50\$00, entregues pelo digno Tesoureiro de Finanças deste concelho.

De uma anónima 20\$00, enviados por carta.

Da Junta de Provincia do Minho 100\$00.

Para todos vão os agradecimentos sinceros da Mesa Administradora da Santa Casa.

## Para o Seminário

Segunam para os Seminários Arquidiocesanos de Braga, os 22 seministas do nosso Arcepresbiterado

Que tivessem boa viagem e que aproveitem bem os estudos.

# Aos estudantes MELGACENSES

Foi com grande júbilo que acolhi a nova de que em Melgaço, minha e vossa terra natal, havia mais um mensageiro a levar, até às mais recônditas povoações, as novidades da última vila nortenha de Portugal.

O primeiro número chega suficientemente para ficarmos convictos de que é uma obra de alto valor, graças ao seu elevado carácter e à magna orientação que lhe preside.

Debaixo da rubrica de «católico regionalista» ele veio precisamente bastar às exigências das gentes de que é expressão clara.

Católico, não poderia deixar de sê-lo, já porque é esta a religião que se professa na nossa terra, já porque é a moral que a História a adopta. Como regionalista ele vem ser satisfação das gentes de Melgaço, das quais nasceu e para as quais vive.

Indubitavelmente, veio preencher uma lacuna das poucas de que a nossa estimada vila dispõe, e atestar mais uma vez a singular dedicação que todos os setentrionais «deste jardim a beira-mar plantado», tributam à terra que os viu vir ao mundo.

Baptizaram-no com o nome «A Voz de Melgaço». Foi de facto feliz a imaginação do seu padrinho ao presentear-lhe tal qualificação. Por vezes acontece, porém, e sóe dizer-se particularmente, haver nomes cujo possuidor não lhes corresponde, o que creio bem, não sucederá com este quinzenário que será, e assevero quase sem medo de errar, o nosso eco folclórico.

Haverá alguém que discorda de tão simpática criação? Não é de crer...

Da minha parte digo-lhe, sem hesitação, «seja bem-vindo», e desejo-lhe ardentemente uma vida longa.

Com o lema que o seu digníssimo director e administrador o mimoseou logo ao nascer não é de acreditar, que esta obra, que é nossa e para nós, deixe de haver uma existência próspera.

No entanto, como bem sabeis, um jornal ao sair a lume, encontra grandes dificuldades, e uma delas é precisamente a de obter bons colaboradores e um número de assinaturas considerável. Mas essa dificuldade julgo não sentila «A Voz de Melgaço»

pois ela conta convosco no duplo sentido do termo, isto é, com a vossa doura colaboração e com a vossa assinatura. Eu, embora já quase a braços com a vida profissional onde as dificuldades superabundam, não me escusarei a qualquer esforço que Ela me requeira. Acima de tudo somos Melgacenses.

Além disso, quem não sente alegria ao falarem-lhe da sua terra? E vós que fora dela vos encontras contai sempre com este pequenino jornal, (pequeno no papel, mas grande no conteúdo), a consolar-vos e a distrair vos depois dum dia cheio de lides e canseiras.

Braga, Junho de 1946

António Luís de Pinho Gonçalves

*Nota da Redacção* — Após o aparecimento do primeiro número de «A Voz de Melgaço», o nosso Amigo e ilustre professor em Paderne, António Luís de Pinho Gonçalves ao tempo, finalista da Escola do Magistério Primário de Braga, enviou-nos este artigo.

Guardamo-lo, porque era optimista e quisemos fazer a experiência daquilo de que o nosso jornal era capaz.

Nesta altura, dizemos ao nosso querido Amigo que «A Voz de Melgaço» tem procurado servir, tal como Ele deduziu no seu artigo e a publicação tardia deste é um documento comprovativo de que somos fieis aos principios e que os novos nos compreendem.

Se somos todos novos!... Ao querido professor Pinheiro Gonçalves o pedido de que nos alegre com a sua valiosa colaboração literária.

## Para os Licençados e Colégios

Seguam para os licençados e colégios os estudantes do nosso Concelho que se espalham pelas cidades de Braga e de Viana.

Que os estudos lhes corram bem.

# Casos a ponderar

(Continuação da 1.ª pág.)

tata por milho, porque não deve sofrer o justo pelo pecador.

Era necessário crear um processo que autenticasse que o milho não ia para a Espanha. Não seria uma guia a mais, com nova sobretaxa. Não se complique a burocracia.

O Presidente da Junta ou o Regedor da Freguesia, aonde a troca se devia fazer, era procurado para assistir a esta troca e anotava a pessoa que levava o milho para Castro e comunicava à Intendência para a necessária fiscalização.

Os gastos seriam insignificantes e dispensar-se-ia mais burocracia, mais entraves, mais aborrecimentos.

São hábitos da nossa terra, são costumes vitais, onde a seriedade reinou sempre.

A Intendência confiamos o estudo e a resolução deste problema e oxalá o resolva breve para bem de todos: a Ribeira necessita de batats e a Serra de milho.

Deixemos fazer as trocas.

Assinar «A Voz de Melgaço» é contribuir para o bem estar da sua terra

# A nossa terra

XIV

## CASTRO LABOREIRO

seus limites há 700 anos

Tenho descrito na última edição os antigos limites de Paderne, vou recordar agora os da minha querida terra natal—Castro Laboreiro.

A sua extensão é grande mas já foi muito maior.

Em população, Castro Laboreiro e Paderne são as primeiras freguesias de Melgaço.

Em território Castro Laboreiro é das freguesias mais extensas de Portugal, ocupando metade da área do concelho de Melgaço.

Segundo estudos oficiais a área de Castro é de 86,5 km<sup>2</sup>, ao passo que a do concelho de Melgaço é de 173,5 km<sup>2</sup>.

Esta histórica freguesia fica encravada em uma foz da fronteira espanhola da Gíçia com o Minho, sendo delimitada de parte de Portugal por uma linha quase recta que vai das proximidades da Alcobaca, ao Largo, à Peneda.

Nos primeiros tempos de Portugal os Montes de Laboreiro abrangiam grande parte da serra da Peneda e chegavam à zona de Val de Poldros e Pedrinho.

Para quem conhecer aqueles montes será uma surpresa saber que a aldeia de Padrão, na freguesia de Sistoelo, era abrangida pelos limites de Castro Laboreiro pagando as dízimas à Igreja de Santa Maria.

Quase todos os escritores, ao falar da minha terra, dizem que teve o primeiro fidalgo concedido por D. Afonso III em 1271.

Esta informação contém 2 erros de história.

É que, quando de parte o fidalgo de D. Afonso Henrique comprado por Louçada e muito duvidoso, Castro Laboreiro teve um de D. Sancho I que os nossos antepassados mostram nos emissários de D. Afonso III, segundo se vê das liquições na parte relativa a esta freguesia.

Por outro, o fidalgo de D. Afonso III, passado à sua ordem em 15 de Janeiro de 1271 por D. João de Abim seu mordomo, D. Estevão Nunes chinçeller e Afonso Suelro sobrejais, não foi para Castro Laboreiro. Foi para o dito lugar de Padrão que agora é de Sistoelo e ao tempo era de Castro Laboreiro. (Convém recordar que naquele tempo Sistoelo não era freguesia, e ainda em 1795 o tombi de Cabreiro abrangia nos seus limites aquela região, descrevendo a Igreja de S. João Baptista de Sistoelo como anexa da do Salvador de Cabreiro).

O dito fidalgo tem o título de CARTA DE FORO DO MONTE DE LABOREIRO QUE SE CHAMA PADRÃO.

O aforamento diz respeito ao lugar de Padrão que se encontrava de fogo morto; isto é, tinha sido habitado e estava abandonado. O aforamento foi feito a seis povoadores, dois dos quais eram de Sistoelo, suas mulheres e todos os seus descendentes.

Diz o documento: «... D. Ju e concedo a vós... aquele meu monte em que está no lugar que se chama Padrão, que é no monte que se diz Laboreiro... com a condição que façais os seis casais... e deis a mim e todos os meus sucessores anualmente a oitava parte do pão e que me deis pelo dia de S. João Baptista duas libras de cera... e quando m tardes porco aontes deveis dar me a espátua, e n lo deveis dar outros foros, nem pagar vosses, nem calumnias (multas) nem ir à anidava (trabalho braçal para utilidade pública), mas deveis contudo pagar de homicídio, rouço (estupro), furto e estercio na boca, como é costume da terra... e deveis dar à minha Igreja de Santa Maria de Castro Laboreiro os dízimos que deveis a Deus. Os limites do sobredito monte que vos dou por João são estes... Monção de Martinho... como parte pelo couto de Sistoelo e vai terminar na zona do Vez».

Traduzi para aqui as passagens precisas para identificação do local e prova de que Padrão ficava no território de Castro Laboreiro.

D. Afonso III apenas reservou para o fisco real a punição daqueles quatro crimes (a que os antigos chamavam nefandus) como era costume da terra. Que se disser que os privilégios mencionados e a reserva destes crimes já tinham parte dos usos e costumes de Castro Laboreiro pelo fidalgo de D. Sancho I e continuavam a vigorar em Padrão apesar do seu aforamento respectivo.

Alexandre Herculano estudou este fidalgo em certas modalidades excepcionais (Hist. de Portugal, Tomo III—Livro VII, parte III), atribuindo-o ao Monte de Laboreiro sem saber que ele apenas abrangia uma parcela reduzida desse monte.

Muitos documentos só poderão interpretar se suficientemente conhecido detalhadamente a região a que se referem.

Do conteúdo deste documento, arquivado na Torre do Tombo, conclue-se que grande parte da serra da Peneda fazia parte dos Montes de Laboreiro nos tempos antigos, e compreendem, que o alcaide-mór de Castro Laboreiro, D. Pio Rodrigues de Araújo não saiu dos limites da terra que lhe estava confiada ao demitir o couto de Val de Poldros.

BERNARDO PINTOR.

# Doente

Continua a melhorar sensivelmente e já o temos visto a dar o seu passeio habitual, o Sr. Dr. Júlio Esteves.

Desejamos-lhe melhoras completas.

# A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus; Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papellaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—  
A máxima seriedade nas suas transacções.

# Esta hora é de todos E fiquei triste...

(Continuação da 1.ª página)

tura perseguidores da nossa Religião.

\* \* \*

Se rezas muito dentro de portas mas por comodidades, por covardia não queres cumprir o teu dever de católico político—és aliado de Satanaz, és contra Cristo!

\* \* \*

O Papa recomenda e pede a todos os católicos que não abandonem as urnas.

Para irmos às urnas temos de nos recensear.

## Quem tem direito de voto e pode inscrever-se

1.0—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.0—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais;

3.0—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a)—curso geral dos liceus;

b)—curso do magistério primário;

c)—curso das escolas e belas artes;

d)—curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e)—cursos dos institutos industriais e comerciais;

4.0—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados,

que, sendo chefes de família, estejam nas condições fixadas nos n.os 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras, que vivam inteiramente sobre si.

5.0—Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem, de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

## A onde podemos recensear-nos e o que é preciso para o fazer

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição

no recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédias comissões de FREGUESIA, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

\* \* \*

Melgacenses, que viveis nesta terra ou longe dela, recenseai-vos durante o mês de Janeiro.

Cumpri, lealmente, o vosso dever para bem da Pátria.

## Pagaram a assinatura

Dignaram-se pagar a sua assinatura os Sr.s: P.e Francisco de Assis Dias de Araujo, Orlando Cordeiro Salgado, P.e António de Araújo Costa. A todos, muito obrigado.

# De Lisboa a S. Gregório

(Continuação da 1.ª página)

## De Viagem

Quando em 18 de Novembro tinha de ir a Lisboa, não pensava regressar a Melgaço, por Braga. Os homens dispueram o contrário.

Depois de haver passado umas horas na Capital, o porteiro do Hotel comunica-me que às 18 horas do dia 20 tinha chamada do Governo Civil de Braga. O meu particular amigo Dr. Henrique Cabral tem o segredo de uma altíssima educação e à hora precisa o telefone chamava. Ouvi-O gostosamente e, como bom Amigo, obrigame a regressar a Braga, no dia 23.

Lisboa, nesta quadra do Natal, inundava as pastelarias, entrava em todas as casas para deixar cartões de boas festas, distraía-se ao col bemfazejo e ocaricnia de aqueles dias. Em toda a parte, montes vistosos e vistatissimos casacos de pele, muito luxo, muito esparvento. Esta é a Lisboa dos enganosa. «Nem tudo o que luz é ouro».

## De Lisboa a S. Gregório

No dia 22 às 18 horas, o automóvel de um bom amigo da Penafiel, trazia-nos ao Porto, Alenquer, com a base da Ota, ficam-nos para trás. Já me esquecia. Salamos pela Campo Grande e fomos ao aeroporto da Portela de Sacaeem. Os aviões, já de noite, sobem e descem continuamente. Há

um movimento extraordinário. Numerosas pessoas divertem-se com este espectáculo. O aeroporto da Portela, diz-me o Dr. Diamantino Gomes, que, neste verão esteve em França, Bélgica, Holanda e Inglaterra, é, de todos os que eu vi, o melhor. Lisboa é a via transatlântica, e intercontinental do mundo. Orgulhem-nos por este facto.

Nas Caldas da Rainha jantamos. Lembrei-me do nosso querido contarrão e illustre colaborador Gabriel Cardoso.

Após a refeição, dirigimo-nos ao Porto. Era noite. Já não havia paisagem visível.

## De avião

Fiz em 2 de Fevereiro de 1946 a viagem de Lisboa ao Porto, em avião. Jamais esquecerei o panorama, extraordinariamente bello, das Caldas da Rainha, Óbidos, Peniche, Berlangas, S. Martinho do Porto. Nozari E tu do isto se abarca simultaneamente. Que espectáculo maravilhoso. E, ao longo, Alcobaca cam o seu mosteiro, e, de baixo de nós, o Pinhal de Leiria, o Pinhal do Rei, que D. Diniz mandou semear.

E sempre o Oceano. Já fiz a viagem de Lisboa ao Porto de comboio, desde o rápido ao tramway, de automóvel e de avião. O avião é o mais vantajoso pela velocidade (1 hora e 25 minutos) e pela paisagem.

Não é um conto o que vou narrar; é uma confissão pública do estado da minha alma, desolada e triste, quando, de muito longe, contemplei a minha terra e a nossa gente.

A história é breve e simples. Ei-la:

De 27 a 30 efectuou-se em Lisboa, na Colónia da F. N. A. T. da Caparica o II Curso Nacional da J. A. C.

Não sei se sabem o que significam estas letras maiúsculas.

Significam *Juventude Agrária Católica*.

Pois no Curso da Caparica estiveram 600 rapazes, todos dirigentes, da Juventude Católica, dos nossos campos, lavradores de todo o Portugal, onde foram estudar melhor qual a sua missão na terra. Também assisti e tive de falar aos rapazes.

Esteve no Curso a lavoura nacional: engenheiros agrónomos, alunos de Agronomia—a Universidade de que forma os engenheiros agrónomos—regentes agrícolas das Es-

colas de E'vora e de Santarém, grandes lavradores dos maiores do País, como Vasco Belmonte, descedente do nosso rei D. João VI, o Câmara Cordovil, sobrinho do Marquês do Funchal; estavam bons proprietários do Minho e de todas as províncias de Portugal, médios e pequenos lavradores, até caseiros. Estava a lavoura toda e era tudo uma família.

Vivia-se na mesma casa—o rico e o pobre—comia-se a mesma comida e no mesmo refeitório, discutiam uns com os outros sem nunca se zangarem, brincavam e jogavam, estudavam e rezavam.

Como ouviam a missa com devoção, todos, absolutamente todos!

Com que piedade recebiam a sagrada Hóstia na mesa da comunhão!

Com que fervor rezavam, à noite, o terço da Senhora, da Santíssima Virgem!

Rico e pobre, engenheiros, estudantes, todos viviam o mesmo ideal e se apaixonavam por Ele: a J.A.C. mais florescente e, a dominar os campos de Portugal. A J. A. C. é o organismo da A. C. que alista os rapazes do campo.

No curso havia sessões de estudo, havia jogos desportivos, havia cinema, havia, rádio, havia grupos corais que cantavam as cantigas da nossa terra. E que bem que cantavam!

Muito bem se canta no campo de Portugal, nas nossas terras!

E sabeis? Todos os rapazes, todos, foram à sua (Continua na 2.ª página)

—Papá, um polícia...  
—Oh, Filha, vamos presos.

Não foram presos. Eu é que fiquei preso àquela casa, prisão que vem de longe, desde os tempos, em que no banco de granito que está à porta da farmácia se juntavam em conversa amena bons amigos de sempre que nos uniam para sempre: o Sr. António Esteves Viana, pai do Dr. Júlio, o Sr. Luís Pinheiro, tio, meu saudoso tio e padrinho P. João Nepomuceno Vas e o prof. Abel Dantas. E ao chegar a S. Gregório o polícia retirou-se e eu fiquei preso da amizade de tão simpática família e de tão bons amigos.  
Diz a E. criatura Sagrada: «quem tem um Amigo possui um tesouro».

JÚLIO VAZ

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parouquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVE

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO I

MELGAÇO, 15 de Janeiro de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 16